

Mindlin aponta caminho para renegociação

Está aberto o diálogo entre os países devedores da América Latina. O Departamento de Direito Comercial Internacional da Universidade de Illinois, promoveu, na semana passada, nos Estados Unidos, um seminário para debater a dívida externa. O empresário José Mindlin, um dos convidados, acaba de voltar desse encontro e se entusiasmou com as possibilidades de um resultado futuro nas negociações e na política econômica internacional que envolvem tanto países industrializados quanto as nações em desenvolvimento.

Como se tratava de uma primeira reunião, o mais importante foi o contato não só entre devedores e credores como principalmente o intercâmbio entre os próprios países da América Latina com problemas muito semelhantes. A Universidade de Illinois chamou aos Estados Unidos, além de representantes do Brasil, os da Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela, Costa Rica e México. Pelo Brasil foram Fernão Bracher, vice-presidente do Bradesco (e diretor do Banco Central no governo Geisel), Hélio Gil Gracindo, da Procuradoria da Fazenda, o ministro Pedro Paulo Pinto Assumpção, diretor da Divisão de Política Financeira do Itamaraty, o advogado Antônio Mendes (ex-aluno da Universidade de Illinois) e José Mindlin.

Foi o próprio Mindlin que criou polêmica no seminário ao pedir urgência para uma renegociação global da dívida externa e ao apontar o próximo ano como o período decisivo para o que chama de "limpar a área". Segundo tem afirmado e fez questão de dizer especialmente para os representantes dos credores, as soluções encontradas neste momento pelo FMI não resolvem os impasses em que se encontram os países devedores.

O que se prevê é apenas uma nova negociação, muito penosa, em meados de 84. "Rolar a dívida somente alivia momentaneamente nossos problemas".

CULPA DIVIDIDA

Enquanto o setor universitário se mostrou, no seminário, sensível aos problemas da América Latina, os representantes do setor bancário, entretanto, se mantiveram fechados na posição espelhada pelo FMI. Um deles chegou a contestar Mindlin com a metáfora de que os países devedores são "viciados em poupanças externas". Ao que o empresário brasileiro respondeu que "onde há drogado, há fornecedor e pelo menos em 50% a culpa deve ser dividida".

Para José Mindlin, "a cultura tradicional do credor é sempre impositiva. Para este, dívida é pecado. Parece incrível que essa insensibilidade chegue ao ponto de que não percebam dados óbvios". A política do FMI — exportar mais e importar menos —, imposta aos países em desenvolvimento, passa por cima da imagem que o empresário paulista usou nos Estados Unidos: "Estamos todos no mesmo barco, só que uns na primeira classe e outros na segunda. É preciso não esquecer que, se a segunda classe afundar, a primeira não escapa". E Mindlin pergunta: "Será que os norte-americanos, por exemplo, não se dão conta que, se deixaram de exportar 20 bilhões de dólares para os países em desenvolvimento, geraram também um problema grave de desemprego nas próprias fronteiras?"

No seminário mais uma vez ficou claro o atraso com que o Brasil tratou do problema da dívida. "Se tivessemos negociado a dívida externa há dois anos, teríamos outras condições." Esse lamento de José Mindlin é o de muitos que tiveram consciência da dimensão da atual crise com muita antecedência.

AUSTERIDADE

Mindlin está de acordo com o princípio do FMI — por a casa em ordem e exercer a austeridade ("pena que essa recomendação nos venha de fora, não tenha partido de dentro"). Concorda que deve haver um drástico controle dos gastos públicos e das estatais. O que não concorda, de forma alguma, é com a redução da demanda por meio de recessão e desemprego. "O Brasil precisa gerar 1,5 milhão de empregos por ano e incorporar 50% de sua população que está marginalizada".

Acredita que essa realidade só será enfrentada com a renegociação global da dívida externa e não com a "inventividade dos tecnocratas que criaram as reservas negativas".